

Óscar Monteiro

José Óscar Monteiro, filho de pais goeses, nasceu em Lourenço Marques em 1941. Quando jovem, foi estudar Direito em Coimbra. Foram os seus tempos de estudante que contribuíram para fortalecer a sua trajetória nacionalista, através da troca de ideias com outros jovens. Em 1963 juntou-se oficialmente à FRELIMO tendo representado o movimento na Argélia, Tanzania, França, Itália, entre outros países. Em prol da luta dos movimentos de libertação, participou nas conferências de Cartum, (1969) de Roma (1970) e de Reggio Emilia (1973) em representação da FRELIMO.

Matola, 14 de Junho de 2022

Uma declaração de interesses

P: Pode começar por nos dizer como tomou contacto com a “Solidariedade Italiana com Moçambique”?

OM: Deixem-me começar por uma declaração: Há algo dentro de nós que pode permanecer disfarçado, ou não exposto durante muito tempo, porque estamos preocupados com a nossa vida individual, com os nossos estudos, com a nossa carreira. Mas, simultaneamente, há uma vontade de ajudar, talvez porque, dentro de nós, dentro do nosso DNA, há qualquer coisa como precisar dos outros e sentir que somos úteis aos outros.

A minha vida política e esta experiência com a Itália permitiram que num determinado momento, facilitado pela época histórica (estou a falar dos anos 60 e dos anos 70), eclodisse de um lado e de outro, este sentimento que eu chamaria de generosidade. Essa generosidade intrínseca, essa cooperação, só o tempo - e agora já temos 40 anos - nos permite ver quão significativa foi do ponto de vista humano. Houve também experiências com outros países, não estou a reduzir tudo à Itália mas, neste momento, estamos a falar da Itália e estamos a falar da dimensão humana que, provavelmente, na Itália foi a mais significativa.

Talvez tenha havido a mesma coisa com outros países, talvez porque para alguns de nós se tornou possível entender melhor as pessoas por causa da língua. Mas só alguns puderam participar e eu tive essa sorte, de estar ligado a isso e sinto que tenho que prestar um testemunho. Sinto que também é importante, porque para as novas gerações em Moçambique - e também, esperamos nós, na própria Itália - estes momentos sejam conhecidos. Porque esse tipo de solidariedade é importante neste mundo cada vez mais aguerrido e difícil, tanto no nosso país, como no mundo em geral. Não me recordo de ver tantos focos de possíveis conflitos, com consequências imprevisíveis, como neste momento.

Por isso, talvez falar de coisas boas nos amoleça o coração.

A solidariedade internacional

P: Como começou e se manifestou essa solidariedade internacional?

OM: O que se passou connosco e a Itália, tem antecedentes longínquos e amplos, não surgiu somente connosco.

Os anos 60 são os anos da grande solidariedade internacional, quando certas causas nacionais passam a ser assumidas por outros países. Em geral, o internacionalismo está ligado aos movimentos de esquerda, aos movimentos sindicais, aos movimentos socialistas, aos movimentos comunistas. Mas nós estávamos na fase do nacionalismo e sentimos a necessidade de nos unir. A CONCP¹ (Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas), fundada em Rabat, anuncia já esta ideia de que não se luta sozinho. É preciso lutar trabalhando com os outros.

Esse sentido de que não se é livre se os outros ao lado não estão livres, vem-se mostrar a seguir na África Austral, pelo apoio dos países libertados como Moçambique e Angola aos outros países da África Austral, a começar pelo Zimbabwe e depois África do Sul e Namíbia. Uns mais do que outros, como a Guiné Conacri que apoiava mais a Guiné-Bissau, a Tanzânia e, mais tarde, a Zâmbia que nos apoiavam a nós e o Congo Brazzaville que apoiava Angola. Mais tarde a própria Zâmbia também apoiou Angola, na Frente Leste.

Portanto, há uma dimensão sentida no âmago dos movimentos de libertação, não é mais uma proclamação política, não é mais uma resolução de um congresso do tipo *'Ahh... devemos ser mais solidários'*, não! Sabíamos todos, sentíamos e apoiávamos.

Há um contexto mais geral que acontece também nesses anos 60, 70 que é uma solidariedade internacional, por causa das agressões feitas contra certos países. Estamos a falar aqui dos países do Sudoeste Asiático, nomeadamente, o Vietname – porque já envolve a grande política internacional e os Estados Unidos – que desencadeia o movimento de solidariedade nos Estados Unidos, na Europa contra a agressão àquele país.

Portanto, é este o contexto que torna possível algumas formas de solidariedade. Há manifestações concretas, quando, em 25 de Setembro de 1964, depois de criado o Movimento de Libertação de Moçambique (a FRELIMO) se desencadeia a luta armada.

¹ CONCP - Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas foi uma organização de movimentos nacionalistas das então colónias portuguesas em África, criada em 18 de Abril de 1961, em Casablanca, Marrocos. Foi um organismo de coordenação internacional entre determinados movimentos nacionalistas das então colónias portuguesas, tendo substituído a Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional (FRAIN). Assentava em organizações nacionais e visava coordenar a acção política de um conjunto de movimentos nacionalistas africanos e goeses na luta contra o colonialismo português. Englobou o PAIGC, em representação da Guiné e Cabo Verde, o MPLA, por Angola, a UDENAMO, mais tarde substituída pela FRELIMO, por Moçambique, o MLSTP, por São Tomé e Príncipe. Inicialmente contou também com uma significativa delegação de nacionalistas indianos de Goa. Entre os principais sucessos políticos da CONCP, estiveram a realização do encontro dos líderes dos movimentos nacionalistas com sua Santidade o Papa Paulo VI, em Roma, em 1970; a retirada do reconhecimento da OUA ao GRAE; o triunfo da proclamação da independência da Guiné-Bissau em 1973; o reconhecimento do governo da República Popular de Angola em 1975/1976.. Foi substituída em 1979 pelos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

Marcelino dos Santos² recebe uma carta do síndico, isto é, do Presidente da Câmara de Reggio Emília dizendo: *'Acabámos de saber que vocês começaram a luta armada pela libertação do vosso país. Fiquem a saber que em "questo piccolo paesino" - quer dizer "nesta pequena cidade" - na Itália, nós, que participámos da Resistência contra o regime fascista, entendemos plenamente as razões da vossa luta.'*

A "Resistência" era uma luta armada nascida dentro da Itália, contra o fascismo Mussoliniano. Não encontramos essa carta - Marcelino dos Santos falou-me dessa carta - mas encontramos a resposta do Marcelino a esta carta que está no Arquivo de Reggio Emília de que me deram uma cópia.

Já existia um movimento de solidariedade com os nossos movimentos de libertação dos países socialistas e de movimentos de opinião sindicais - o que se chamaria hoje sociedade civil.

Eram os grupos de apoio. Nós não tínhamos capacidade de estar presentes, não tínhamos pessoas, nem tínhamos meios, mas eles faziam a nossa campanha. Por exemplo, na Inglaterra criou-se o *Committee for Freedom*. Primeiro era o *Committee for Freedom in Mozambique*³ (Comité de Liberdade para Moçambique) e depois o Comité foi alargado, ficou CFMAG (*Committee for Freedom in Mozambique, Angola and Guiné*). Um dos membros proeminentes - eu quase que diria que é um membro honorário do Departamento de Relações Exteriores da FRELIMO em que éramos pouquíssimos - era a Polly Gaster e na Holanda o Sietse Bosgra⁴ - pessoas inteiramente dedicadas a essa causa, com grande sacrifício da vida pessoal, com uma vida de grande modéstia, para se poderem dedicar a essas causas.

Já existia um movimento de solidariedade, uma parte do movimento de solidariedade tinha mesmo esse nome: Organização da Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos (AAPSO)⁵ e tinha uma grande inspiração soviética.

² **Marcelino dos Santos** (Lumbo, 20 de Maio de 1929 - 11 de fevereiro de 2020) foi um político e poeta moçambicano. Foi membro fundador da Frente de Libertação de Moçambique, onde chegou a vice-presidente. Depois da independência de Moçambique, é o primeiro ministro da Planificação e Desenvolvimento, cargo que deixou em 1977 com a constituição do primeiro parlamento do país (nessa altura designado "Assembleia Popular"), do qual foi presidente até à realização das primeiras eleições multipartidárias, em 1994.

³ O **Comité para a Liberdade do Reino Unido em Moçambique** foi formado em 1968, renomeando-se como o **Comité para a Liberdade em Moçambique, Angola e Guiné (CFMAG)**. O CFMAG funcionou como um grupo de pressão de campanha, com o objectivo de construir um amplo apoio político para a FRELIMO, MPLA e PAIGC. Trabalhou com todos os partidos políticos, movimentos trabalhistas e estudantis, igrejas, ONGs e muitos outros. Teve relações estreitas com o Movimento anti-*apartheid*, e incentivou uma perspectiva regional para o futuro da África Austral. Organizou visitas de representantes do movimento de libertação e várias campanhas específicas de ajuda política e material, culminando na Campanha do Fim da Aliança de 1972/3. Após o golpe de 25 de Abril em Portugal em 1974 e as subsequentes negociações entre o novo governo português e os movimentos de libertação, o direito das colónias à independência plena e imediata foi reconhecido. A CFMAG organizou uma festa da vitória na Câmara Municipal de St Pancras em 25 de Junho de 1975, Dia da Independência de Moçambique, e encerrou a actividade, pois os seus objectivos estavam alcançados.

⁴ **Sietse Jan Bosgra** (Groningen, 21 de setembro de 1935) é um ativista político holandês. Formou-se em física nuclear na Universidade de Amesterdão. Como estudante, ele se envolveu na resistência ao colonialismo. Foi um dos membros fundadores do Comité de Angola em 1961. Alargou o trabalho do comité, apoiando os movimentos de libertação na Guiné-Bissau, em Moçambique e na África do Sul. O Comité foi renomeado para Comité África Austral (KZA) em 1976. Em 1982, foi um dos iniciadores da Fundação do Ano da ONU para sanções contra a África do Sul, trabalhou para um boicote cultural à África do Sul por causa do regime do *apartheid* e lutou por um embargo de petróleo à África do Sul nos anos 80. Agora que o *apartheid* não é mais um problema está se concentrando mais no Médio Oriente. Em 2011, ele foi um dos líderes da oposição à possível nova missão policial em Kunduz (Afeganistão). Está envolvido no Instituto Holandês para a África Austral (NIZA), mais tarde renomeado *Actionaid Nederland*, e no Instituto Holandês para a Palestina-Israel (NIPI) (secretário).

⁵ **AAPSO - Organização de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos** é uma organização não-governamental internacional dedicada aos ideais de libertação nacional e solidariedade do Terceiro Mundo. A AAPSO foi fundada como Conselho de Solidariedade dos Países Afro-Asiáticos numa conferência realizada no Cairo entre Dezembro de 1957 e Janeiro de 1958. O nome foi alterado para a sua forma actual na segunda conferência realizada em Conacri, Guiné, em Abril de 1960. A AAPSO tem 90 comités nacionais. O Comité de Solidariedade Afro-Asiático Soviético foi membro fundador. O estatuto de observador foi assegurado à Federação Mundial dos Sindicatos, Federação Mundial da Juventude Democrática, Federação Internacional das Mulheres Democráticas e ao Conselho Mundial da Paz

Eram estes que a gente tinha. Tínhamos um apoio político mais amplo ao nível das Nações Unidas de todos países africanos e do Movimento dos Não-alinhados⁶ que, na altura, se chamava Movimento Afro-asiático. Chegou a haver uma conferência marcada na Argélia que deixou de ter lugar porque houve o golpe de estado. A Argélia também jogava um grande papel porque tinha-se libertado pouco tempo antes, em 1962.

Portanto, tudo isso nos estava a dar um grande entusiasmo. Então, em 1969 decide-se realizar uma conferência em Cartum para chamar todos aqueles que já estavam ligados a nós e mais alguns.

P: No outro dia referiu-nos o Movimento das Mulheres Soviéticas das quais a presidente tinha sido depois uma astronauta. Pode detalhar?

OM: Esse movimento tinha lugar um pouco em todo mundo, mas sem ainda a amplitude que era requerida. Por exemplo, na antiga União Soviética existia um movimento de solidariedade das mulheres cuja presidente que o Presidente Samora⁷ foi visitar e que eu acompanhei, a Valentina Tereshkova,⁸ a primeira mulher astronauta, para dizer como vários sectores de opinião se iam juntando à causa. Não bastava viver num país socialista, era preciso também que essas pessoas fossem mobilizadas.

A Conferência de Cartum (1969)

P: Qual foi então a importância e o contexto da Conferência de Cartum?

OM: A Conferência de Cartum quis ser um momento de maior avanço nessa luta. Quais eram os pontos que era preciso discutir e que foram discutidos efectivamente?

O movimento de solidariedade estava limitado apenas às forças de esquerda e não atingia aqueles países que apoiavam militarmente, politicamente e diplomaticamente Portugal. Militarmente, porque existia uma espécie de solidariedade natural dos países ocidentais com Portugal, membro da NATO⁹, consequência da importância que Portugal teve na segunda Guerra Mundial.

⁶ **Movimento dos Países Não-alinhados (MNA)** é um movimento que reúne 115 países (em 2004), em geral nações em desenvolvimento, com o objectivo de criar um caminho independente no campo das relações internacionais que permita aos membros não se envolver no confronto entre as grandes potências. É uma associação de países formada com o aparecimento dos dois grandes blocos opostos durante a Guerra Fria liderados pelas superpotências de então (EUA e URSS). Seu objectivo era manter uma posição neutra e não associada a nenhum dos grandes blocos. O Movimento está intrinsecamente ligado ao confronto ideológico Leste-Oeste da Guerra Fria no século XX.

⁷ **Samora Moisés Machel** (Chilembene, Gaza, 29 de Setembro de 1933 — Mbuluzi, Montes Libombos, 19 de Outubro de 1986) Foi membro fundador da Frente de Libertação de Moçambique liderou a Guerra da Independência de Moçambique como Presidente da FRELIMO e tornou-se o seu primeiro Presidente da República após a sua independência. Faleceu num desastre de avião em Mbuluzi, África do Sul, cujas causas permanecem até hoje inconclusivas.

⁸ **Valentina Vladimirovna Tereshkova** (6 de Março de 1937) é a primeira cosmonauta e a primeira mulher a ter ido ao espaço, em 16 de Junho de 1963, na nave Vostok 6. Ao realizar o primeiro voo espacial feminino, Valentina recebeu as duas principais condecorações do país, Herói da União Soviética e a Ordem de Lenin, além de outras comendas e homenagens importantes. Em 2013, durante as comemorações do 50º aniversário de seu voo, recebeu a Ordem de Alexandre Nevsky das mãos de Vladimir Putin. Na sua juventude trabalhou numa fábrica têxtil. Em 1969, ela formou-se em engenharia na Academia Militar da Força Aérea de Zhukovsky. Após a sua formatura, retirou-se oficialmente do programa espacial para entrar na política e recebeu uma comissão honorária da Força Aérea Russa, retirando-se com a patente de major-general. Foi presidente do Comité das Mulheres Soviéticas e tornou-se membro do Soviete Supremo, o parlamento da URSS, e do Presidium, um grupo especial dentro do governo soviético, tendo sido proeminente na política do país de 1966 a 1991, representando a URSS na Conferência das Nações Unidas para o Ano Internacional da Mulher na Cidade do México em 1975. Em 2011 foi eleita deputada pelo partido Rússia Unida, o mesmo de Putin e Dmitri Medvedev.

⁹ **NATO – Organização do Tratado do Atlântico Norte**, por vezes chamada Aliança Atlântica, ou OTAN, é uma aliança militar intergovernamental baseada no Tratado do Atlântico Norte, que foi assinado em 4 de Abril de 1949.

Apesar de se ter declarado neutro, tinha as ilhas dos Açores que se situavam a meio caminho, mais ou menos, entre os Estados Unidos e a Europa e, portanto, foram extremamente importantes para o papel dos Estados Unidos na luta contra o fascismo hitleriano alemão. Então, Portugal cobrou essa solidariedade.

Já havia outros problemas, a França precisava de uma base militar e os portugueses ofereceram facilidades em Beja, e, portanto, alguma solidariedade aqui se fez porque a França queria ser uma potência, não se queria deixar dominar pelos Estados Unidos, na época do De Gaulle¹⁰, mas teve esse preço, de se solidarizar com Portugal.

Então, um dos pontos principais da Conferência de Cartum foi: *“Assim como está não dá. Estamos em círculo, estamos a mobilizarmo-nos a nós próprios, temos que ir aos países que estão a apoiar Portugal”*.

Nessa conferência, na nossa delegação estava o Presidente Mondlane¹¹ e Marcelino dos Santos¹², talvez outros, mas não me recordo. Eu, nessa altura, estava na FRELIMO, mas estava na Argélia.

A morte de Eduardo Mondlane e o impacto da Conferência

É no regresso dessa conferência que o presidente Mondlane passa no escritório para buscar o seu correio e vai a casa da Betty King¹³ onde tinha mais tranquilidade. Quem conheceu o nosso escritório na Nkrumah Street ... tinha sido Arab Street, portanto, uma rua de comércio, com barulho e calor insuportável. Em geral, Dar es Salaam, era insuportavelmente quente. Pode-se compreender por que não se podiam ler documentos ali, nem pensar, nem reflectir. Mas era o que havia. É aí que ele recebe a bomba que vinha no correio e que acaba por matá-lo.

Na conferência, ainda antes de ele sair, decide-se, com acordo dele, que era preciso fazer uma conferência de solidariedade. Na altura, a mania e a forma de pensar nos

¹⁰ **Charles André Joseph Marie de Gaulle** (Lille, 22 de Novembro de 1890 – Colombey-les-Deux-Églises, 9 de Novembro de 1970) foi um general, político e estadista francês que liderou as Forças Francesas Livres durante a Segunda Guerra Mundial e presidiu o Governo Provisório da República Francesa de 1944 a 1946, a fim de restabelecer a democracia na França. Em 1958, saiu da reforma quando foi nomeado Presidente do Conselho de Ministros (Primeiro-Ministro) pelo Presidente René Coty. Ele reescreveu a Constituição da França e fundou a Quinta República após a aprovação por referendo. Foi eleito presidente de França no final daquele ano, cargo para o qual foi reeleito em 1965 e manteve até sua renúncia em 1969.

¹¹ **Eduardo Chivambo Mondlane** (Manjacaze, Gaza, 20 de Junho de 1920 — Dar es Salaam, 3 de Fevereiro de 1969) foi um dos fundadores e primeiro presidente da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), a organização que lutou pela independência de Moçambique do domínio colonial português.

¹² **Marcelino dos Santos** (Lumbo, 20 de Maio de 1929- Maputo, 11 de Fevereiro de 2020) foi um político e poeta moçambicano. Foi membro fundador da Frente de Libertação de Moçambique, onde chegou a vice-presidente. Depois da independência de Moçambique, é o primeiro ministro da Planificação e Desenvolvimento, cargo que deixou em 1977 com a constituição do primeiro parlamento do país (nessa altura designado “Assembleia Popular”), do qual foi presidente até à realização das primeiras eleições multipartidárias, em 1994.

¹³ **Betty King** (1932-2020) Trabalhando primeiro no teatro de Nova York e, posteriormente, vivendo em Dar es Salaam, Tanzania, fez talvez seu maior impacto em Washington, DC, onde ela foi activa no governo, organizações sem fins lucrativos e - sempre - na vida política. O seu envolvimento com a política de DC começou em 1972, quando retornou da Tanzania. De 1963 a 1972, Betty viveu em Dar es Salaam, Tanzânia, trabalhando primeiro como directora do Instituto de Moçambique, um programa de educação para estudantes refugiados, depois como directora e presidente do conselho da Continental Ore (Tanzânia) Ltd. e da International Gems (Tanzania) Ltd. Enquanto em África, ela também se voluntariou no Museu Nacional da Tanzania, no Comité das Nações Unidas da Tanzania e geriu 17 grupos regionais de dança

problemas era “faz-se uma conferência”. Olhando à distância e vendo o que aconteceu na Itália achou-se que o país em que havia mais facilidade de fazer era em Itália.

Foi designado Marcelino dos Santos que na altura era o Secretário das Relações Exteriores da FRELIMO e que tinha na sua vida cultivado muitas relações de amizade em vários países.

Há poucos dias encontrei um testemunho de uma pessoa que iniciou o movimento de solidariedade na Holanda e que foi um antigo colega do Marcelino, em Paris.

Então Marcelino parte para Itália, pouco tempo depois, passado todo aquele abalo da morte do presidente Mondlane e carrega-me com ele. A minha base era a Argélia que é muito perto de Roma e havia voos quotidianos.

O primeiro ponto de encontro é através da Dina Forti¹⁴ que era a pessoa que no Partido Comunista lidava com os movimentos de libertação e, em particular, com os nossos movimentos de libertação, os das colónias portuguesas.

P: O Dr. Óscar Monteiro na Argélia fica a representar os três movimentos, certo?

OM: Não, na Argélia os três movimentos tinham representação e havia também a representação da CONCP que se tinha transferido de Marrocos para Argélia e o Mário de Andrade¹⁵ que era o coordenador das actividades da CONCP, já o era antes em Rabat, passou a fazê-lo a partir da Argélia.

Havia também uma comissão de informação cuja responsabilidade era da FRELIMO e quem dirigia essa área era o nosso camarada Jacob Jeremias Nhambirre. Mais tarde quando ele saiu, essa comissão produziu brochuras sobre Moçambique, sobre Angola, sobre a Guiné. Pelo menos essas eu me recordo e, de vez em quando, produzíamos outros boletins. Quando o Jacob Jeremias Nhambirre sai e por alguma razão o papel do Mário de Andrade deixa de ser tão proeminente, eu fiquei a dirigir essa comissão de informação de onde resulta que em alguns livros é dito que eu fui o Secretário-geral da CONCP, o que não é verdade, mas também não tem muita importância, porque nós todos trabalhávamos em conjunto e o que nós produzíamos era feito também feito em conjunto com os outros. O Hélder Neto, por exemplo, tinha estado preso no Tarrafal e tinha fugido para a Argélia. Era um excelente grafista. Então era ele que nos orientava em tudo que era parte gráfica e cada um dava uma ajuda aos outros.

¹⁴ **Dina Forti** (Alexandria, Egipto 1915 – Roma 28 Outubro de 2015). Quando jovem, trabalhou no Departamento de Relações Internacionais do Partido Comunista Italiano, dedicando-se à luta contra o fascismo e o colonialismo. Durante a Segunda Guerra Mundial, ela desempenhou um papel especial na comunicação de rádio entre o Movimento de Resistência Italiano e o comando das tropas britânicas das Forças Aliadas baseadas em Jerusalém. Após a guerra, Forti desempenhou um papel crucial no escritório de relações internacionais do Partido Comunista Italiano, responsável pelo desenvolvimento e manutenção das relações com os movimentos de libertação africanos e asiáticos. Forti passou quatro anos (1977 a 1981) em Moçambique, ajudando oficialmente o presidente Samora Machel nas suas relações com as Nações Unidas e outras instituições internacionais.

¹⁵ **Mário Coelho Pinto de Andrade** (Golungo Alto, 21 de Agosto de 1928 - Londres, 26 de Agosto de 1990) foi um activista político angolano, fundador e primeiro presidente do MPLA entre 1959 e 1962 e o de Secretário-Geral desse movimento, entre 1962 e 1972.

P: Voltemos a Itália então...

O.M: Voltemos a Itália. A Dina Forti organiza um encontro onde estão os principais dirigentes do Partido Comunista Italiano: O Enrico Berlinguer¹⁶ e o Giancarlo Pajetta¹⁷ que era o chefe das Relações Exteriores.

O primeiro contacto com a Itália

P: Disse que a primeira vez que tinha passado pela Itália anteriormente, foi com Mário de Andrade. Queria referir-se a esse momento?

OM: Eu conhecia pouco Itália, tinha tido uma passagem ocasional, saindo da Argélia, éramos só nos dois, o Mário de Andrade e eu, ainda dentro desse quadro de trabalho unitário que nós fazíamos constantemente. Ele é que conhecia o caminho, eu nunca tinha ido a Adis Abeba e o caminho passava por Roma, porque a Itália sempre manteve relações fortes com a Etiópia e os voos da Argélia para Roma eram quotidianos.

Então, somos recebidos pela Dina Forti que nos leva ao primeiro contacto que tenho com a Itália. É muito surpreendente ver uma actividade assim tão ampla de um partido comunista num país ocidental como era a *Festa de l'Unità*¹⁸ que era algo na zona da costa. Então fomos assistir e vimos uma festa com famílias, com carácter popular, ficámos a conhecer um pouco do que era o Partido Comunista Italiano.

A Conferência de Roma (1970)

Quando Marcelino e eu chegámos, a Dina Forti organizou um encontro com o Partido Comunista representado por dois notáveis dirigentes políticos: o Enrico Berlinguer, conhecido mais tarde pelas teses sobre o eurocomunismo, portanto um comunismo que não tinha um modelo soviético, o que não foi assim tão bem aceite pela União Soviética e o Giancarlo Pajetta que era um herói da Resistência, pelo menos daquilo que eu sei. Não conheço outros, mas todos eles tinham participado, de uma maneira, ou de outra na Resistência e tinham uma solidariedade natural e instintiva para connosco, isso eu posso testemunhar.

¹⁶ **Enrico Berlinguer** (Sássari, Itália, 25 de Maio de 1922 — Pádua, Itália, 11 de Junho de 1984) foi um político italiano e secretário-geral do Partido Comunista Italiano (PCI) de 1972 até sua morte.

¹⁷ **Giancarlo Pajetta (Turim)**, 24 de Junho de 1911 – Roma, 13 de Setembro de 1990) foi um político comunista italiano. Tornou-se militante do PCI (Partido Comunista Italiano) durante a juventude. Preso em 1927, parte para o exílio na França, em 1931, tornando-se representante italiano da Internacional Comunista. Regressado secretamente a Itália é de novo preso, desta vez condenado a 21 anos de prisão, pelo regime fascista. Com a queda do fascismo em 1943, entra para a “Brigada Garibaldi”, da resistência antifascista. Em 1944 foi indicado um dos presidentes do triunvirato do Comité de Libertação Nacional e chefe do estado-maior das forças armadas da resistência. Membro do Secretariado Nacional do PCI, de 1948 a 1985, com a responsabilidade pelas relações internacionais. Eleito para o parlamento italiano de 1946 até à sua morte e pelo parlamento europeu, em 1984. Director do jornal “L’Unità”, órgão central do PCI e do periódico marxista “Rinascità”. Membro da corrente “migliorista” juntamente com Giorgio Amendola e Giorgio Napolitano, muitas vezes em contraste com a linha do líder do partido. Opôs-se ao projecto de Achille Occhetto de transformar o PCI numa força social-democrata. Pajetta faleceu repentinamente, em casa, em Roma, em Setembro de 1990, antes da dissolução do PCI. As cerimónias fúnebres foram seguidas por 200.000 pessoas.

¹⁸ **A Festa de l’Unità** é um festival anual na Itália, originalmente organizado pelo Partido Comunista Italiano (1945 a 1991) para financiar e divulgar o seu jornal oficial *l’Unità* (“Unidade”) Após a dissolução do PCI foi realizada depois pelo Partido Democrático de Esquerda (1992 a 1997), Democratas de Esquerda (1998 a 2007) e finalmente, Partido Democrático a partir de 2007.

Ali tem lugar uma primeira grande análise de como devia ser organizada uma conferência de solidariedade em Itália. A primeira coisa que eles nos dizem: “*Estamos completamente de acordo, vamos apoiar em tudo que for possível*”. Eles tinham uma máquina muito competente. Segundo, “*não queremos ser nós a aparecer como os organizadores principais, vamos fazer um movimento amplo*” aquilo a que eles chamavam o “Arco Constitucional”.

Na Itália sempre houve muitos partidos, mas o Arco Constitucional define todos aqueles que não estiveram comprometidos com o fascismo. Eram 5 ou 6 partidos que iam da Democracia Cristã aos Comunistas passando pelos Socialistas, Sociais-democratas, Republicanos e todos eles com pessoas, em regra, de grande qualidade.

Então o primeiro trabalho foi, sobretudo eles falarem com os outros partidos e dizerem que tinham recebido esse pedido nosso. A segunda recomendação que eles fizeram foi: “*mas não basta isso, esta conferência tem que ter a vossa face, não vai ser um italiano de nenhum partido político. Um de vocês tem que estar aqui a organizar a conferência, procurem e encontrem*”. O Marcelino respondeu de imediato: “*Oscar ficas aqui!*”.

Eu, sem mais conhecimento do que era essa *Festa de l’Unitá* e pouquíssimos conhecimentos, fico encarregado da conferência e vou-me instalar numa Casa de Cultura que está situada numa das avenidas principais, a *Via Del Corso* que é aquela grande avenida que sai daquele monumento, o Vittorio Emanuele II e que vai desembocar na praça onde Mussolini¹⁹ fazia seus grandes discursos. Uma grande avenida, *Via Del Corso*, devia ser a avenida onde na época do Império Romano se faziam as corridas de cavalo.

Sou eu, formalmente, o chefe dessa organização. Havia lá alguns italianos, mas quem quisesse de fora vir falar, falava comigo.

Também jogou um papel importante o presidente do Comité que era o vice-presidente da Câmara dos Deputados da Assembleia italiana que muito nos apoiou na reprodução de documentos, um pouco fora das tabelas habituais, mas com entendimento e compreensão de toda a gente. Eu, cada vez que precisava de fotocopiar uma grande quantidade de documentos, ia à Câmara dos Deputados onde os trabalhadores, serventes, recebiam os nossos pedidos sem problema nenhum.

Isto para dizer como é que as coisas começam aos poucos a se estabelecer e a expandir. Havia uma pré-disposição das pessoas para ajudar.

Isso eu tenho verificado na minha vida, mesmo aqui em Moçambique. A solidariedade com Angola... Como é que foi possível espalhar-se tanto e as pessoas contribuírem com um dia de salário. Um dia de salário é muita coisa e as pessoas

¹⁹ **Benito Amilcare Andrea Mussolini** (Predappio, 29 de Julho de 1883 — Mezzegra, 28 de Abril de 1945) foi um político italiano que liderou o Partido Nacional Fascista e é creditado como sendo uma das figuras-chave na criação do fascismo. Tornou-se o primeiro-ministro da Itália em 1922 e começou a usar o título *Il Duce* desde 1925, onde abandonou qualquer estética democrática do seu governo e estabeleceu sua ditadura totalitária. Após 1936, seu título oficial era "Sua Excelência Benito Mussolini, Chefe de Governo, Duce do Fascismo e Fundador do Império". Mussolini também criou e sustentou a patente militar suprema de Primeiro Marechal do Império, junto com o rei Vítor Emanuel III da Itália, que lhe deu o título, tendo controle supremo sobre as forças armadas da Itália. Mussolini permaneceu no poder até ser substituído em 1943; por um curto período, até a sua morte, ele foi o líder da República Social Italiana.s.

contribuíram. Claro que foi uma decisão tomada no estádio por Samora, mas foi aceite com grande satisfação.

Saiu há pouco tempo um livro sobre a solidariedade com a África do Sul e há alguns testemunhos de moçambicanos comoventes. Como as pessoas tomaram a iniciativa de inventar e alterar as camionetas para poder transportar armas para o ANC²⁰, fizeram peças novas parecendo parte do equipamento, para poderem transportar as armas e outros materiais: brochuras, publicidades, entre outros, do ANC. Claro, nunca podia ser um número extraordinário, mas tem um valor simbólico muito grande e não foi, creio eu, uma orientação dada às pessoas, individualmente. Houve pessoas que sentiram que havia essa necessidade e, portanto, quando qualquer coisa existe no coração das pessoas, o movimento político expande-se enormemente.

Eu comecei por dar um exemplo muito simples: a solidariedade dos trabalhadores da Assembleia Nacional italiana, mas existia em muitos lugares. Há uma série de reuniões em vários lugares e estou a falar na fase da preparação. Inclusive deputados Democratas-cristãos, Galloni e Galluzzi, que embora sendo deputados da Democracia Cristã que era um partido de direita eram solidários com os movimentos de libertação. Eles próprios vieram visitar-me e dizer: “*O que podemos fazer? De que maneira podemos trabalhar?*” Então, esse movimento foi-se amplificando e mais se amplificou quando as pessoas se deram conta que as decisões eram aquelas que acediam aos nossos interesses.

Vivia-se naquela altura a época da Guerra Fria²¹ e, portanto, tudo que aparecesse como solidariedade condicionada a apoiar a União Soviética, ou aos objectivos da União Soviética era tendencialmente rejeitado, sobretudo por estes partidos de direita. Então, nós tínhamos que sair disso. Portanto, a ideia de ir para um país ocidental não era apenas de ir mobilizar os nossos amigos tradicionais nos países ocidentais, tornou-se em alguma coisa mais ampla, uma outra forma de fazer política que passou a caracterizar a nossa política exterior, isto é, uma política de grande abertura com algumas pessoas.

Algumas pessoas se destacam, falei do Gallone e Galluzzi também a Dra. Marcella Gllisenti, que era a proprietária de uma livraria na *Via del Tritone*, uma avenida prestigiada no centro de Itália que era *Libreria Internazionale Paesi Nuovi* que era o sítio de referência para a literatura sobre África. Ela tinha relações com Senghor²², tinha feito missões nesses países e junta-se a esse movimento.

Audiência com o Papa

²⁰ **ANC - African National Congress** (Congresso Nacional Africano) é partido político sul-africano fundado em 1940. Desde o fim do regime do *apartheid*, em 1994, o ANC é o principal partido político da África do Sul, sendo apoiado pela aliança com Congresso dos Sindicatos Sul-africanos e o Partido Comunista Sul-Africano. Nelson Mandela foi a figura mais influente do partido, assim como de todo o continente africano. Nas eleições de 2009, o ANC obteve 65.9% dos votos para a Assembleia Nacional, confirmando-se como o partido político dominante.

²¹ **Guerra Fria** é a designação atribuída ao período histórico de disputas estratégicas e conflitos indirectos entre os Estados Unidos e a União Soviética, compreendendo o período entre o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e a extinção da União Soviética (1991), um conflito de ordem política, militar, tecnológica, económica, social e ideológica entre as duas nações e suas zonas de influência. É chamada "fria" porque não houve uma guerra directa entre as duas superpotências, dada a inviabilidade da vitória em uma batalha nuclear.

²² **Léopold Sédar Senghor** (Joal-Fadiout, 9 de Outubro de 1906 — Verson, 20 de Dezembro de 2001) foi um político e escritor senegalês. Governou o país como Presidente de 1960 a 1980.

Um dia a Dina Forti vem falar comigo, e diz: “Óscar, vamos fazer uma conferência na Itália. O que é que tu achas de irmos ver o Papa”? Eu disse: “Mas é possível?” Ela disse: “Vamos falar com Marcella Glisenti e ela vai dizer se é possível, ou não”. Fomos falar com Marcella Glisenti que tinha relações com o Vaticano. Eu dou logo a minha concordância, nem precisei de consultar Dar es Salaam. Não era como agora que as comunicações são tão fáceis. A nossa margem de autonomia era naturalmente fácil, porque não havia comunicações. Surpreendentemente, vem a resposta: “Sim, é possível”.

Eu pensei que era muito júnior para escrever uma carta, disse: “Não, eu sou muito júnior, ser representante da FRELIMO na Argélia não vai dar”. Aproveitei a passagem do Chipenda²³ que era um co-presidente do MPLA - por políticas do momento que o MPLA seguia, por ele ser *Ubuntu*²⁴. Disse-lhe: “Chipenda, nós temos esse programa, já tenho o acordo do Marcelino”. Nessa altura já tinha feito todos contactos, agora nós precisávamos de uma pessoa para assinar, “Estás pronto para assinar a carta”? Ele assinou sem hesitação e fomos todos à noite ao gabinete da senhora e escreveu-se ali a carta em italiano. O Papa recebeu-nos.

Qual era o objectivo deste encontro com o Papa? Era demonstrar que a Igreja apesar das invocações do Estado português que estava a “*dilatar a fé e o império*”, apesar do acordo missionário que entregava o ensino das crianças negras às missões demitindo-se o Estado desta tarefa, pois ficava só para os brancos e colonos em geral.

O Vaticano, o papado, a Igreja Católica, não estavam de acordo com esta política. O Cardeal Patriarca de Lisboa, o Cardeal Cerejeira²⁵, tinha sido um colega de quarto de Salazar²⁶ em Coimbra, no Centro Académico de Democracia Cristã. Então, havia toda essa solidariedade e amizade. Portugal tem essa tradição católica que não lhe fica mal, faz parte da sua cultura, da sua maneira de ser, mas não precisa de a expandir para outros que têm também as suas culturas, as suas religiões. Além de que as igrejas protestantes, no seu conjunto, tinham uma posição de solidariedade que se manifestava nas bolsas de estudo que davam aos moçambicanos. Mondlane, por exemplo, vai por essa via estudar para os Estados Unidos e há outras pessoas que tiveram bolsas de estudo, quer em Moçambique, quer em outras partes, mesmo

²³ **Daniel Chipenda** (Lobito, 15 de Maio de 1931 - Cascais, 28 de Fevereiro de 1996) foi um combatente angolano e um dos principais intervenientes da Guerra de Independência de Angola pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), onde se destacou como comandante da Frente Leste antes de criar a Revolta de Leste, uma facção do MPLA. Posteriormente junta-se à Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) de onde sai para, de novo, integrar o MPLA; sai novamente em Julho de 1992

²⁴ Na África do Sul, a noção de **Ubuntu** liga-se à história da luta contra o *apartheid* e inspirou Nelson Mandela na promoção de uma política de reconciliação nacional. Muitos anos antes, quando Mandela criou a liga da juventude do ANC, em 1944, a noção já estava presente na filosofia de John Mbiti e no manifesto do movimento: “*Ao contrário do homem branco, o africano quer o universo como um todo orgânico que tende à harmonia e no qual as partes individuais existem somente como aspectos da unidade universal*”

²⁵ **Manuel Gonçalves Cerejeira** Vila Nova de Famalicão, Lousado, Santa Marinha, 29 de Novembro de 1888 – Lisboa, Benfica, 1 de Agosto de 1977), cardeal da Igreja Católica, foi o décimo quarto Patriarca de Lisboa com o nome de D. Manuel II (nomeado em 18 de Novembro de 1929). Eleito arcebispo de Mitilene em 1928, tradicional título do principal prelado auxiliar do Patriarcado de Lisboa, foi nomeado Patriarca de Lisboa em 18 de Novembro de 1929 e elevado ao cardinalato em 16 de Dezembro de 1929, pelo Papa Pio XI, com o título de Santos Marcelino e Pedro.

²⁶ **António de Oliveira Salazar** (Vimieiro, Santa Comba Dão, 28 de Abril de 1889 — Lisboa, 27 de Julho de 1970) foi um estadista nacionalista português que, além de chefiar diversos ministérios, foi Presidente do Conselho de Ministros e professor catedrático de Economia Política, Ciência das Finanças e Economia Social da Universidade de Coimbra. Figura de destaque e promotor do Estado Novo (1933 – 1974) e da sua organização política, a União Nacional, Salazar dirigiu os destinos de Portugal até 1968. Inspirado no fascismo e apoiando-se na doutrina social da Igreja Católica, Salazar orientou-se para um corporativismo de Estado, com uma linha de acção económica nacionalista assente no ideal da autarcia.

em Portugal. Temos aqui a Missão Suíça que teve um papel altamente importante e continua a jogar um papel importante.

São essas igrejas que compreendem desde o princípio que era preciso ter negros formados para poderem articular os problemas e demandas que os negros enfrentavam.

Então, o encontro tem lugar no dia seguinte ao do fim da conferência e participam o Amílcar Cabral²⁷, o Agostinho Neto²⁸ e Marcelino dos Santos que nessa altura exercia também a função de presidente da CONCP, ou representava a CONCP.

Marcelino dos Santos é que fala em nome da CONCP na Conferência, existem fotos, eu penso que tenho também algumas aqui... A Conferência, em si, também já é um grande sucesso, mas o que dá grande amplitude – porque conferências existem todos os dias, pode-se mobilizar mais ou menos, pode-se iniciar certa acção – o que dá verdadeiramente eco à conferência é o encontro do Papa.

O Papa não disse muitas coisas, mas disse o essencial: *“A Igreja Católica está com aqueles que sofrem.”* Está entendido, receber os dirigentes dos movimentos de libertação e dizer uma coisa assim é dizer: *“Nós estamos convosco.”*

Estar connosco nos detalhes da luta armada não precisavam de estar, mas estavam com a causa e isso penso que foi o acto de maior significação política que nós conseguimos em toda luta armada.

As coisas são assim, o mundo é assim, há quem tenha certas influências, há quem não tenha tantas influências. É nessa esteira que depois encontramos também a participação da Itália nos processos de paz em Moçambique.

P: O que os Movimentos de Libertação disseram ao Papa?

OM: Agradeceram, limitaram-se a agradecer a solidariedade. Agradecer a audiência e essas palavras de solidariedade. Portanto, não foi um encontro de muitas palavras, foi um encontro de grande simbolismo, foi esse o significado.

P: Na Conferência propriamente dita, quais foram as questões gerais a serem debatidas?

OM: O debate foi sobretudo “como sair daquele círculo restrito dos partidos socialistas e comunistas que já nos apoiavam e como atingir outras forças.”

Houve dois níveis: um foi mobilizar outros partidos políticos e o outro, quiçá mais eficaz, foi de reforçar os comités de apoio. Tínhamos o Comité de Angola, na Holanda dirigido por Sietse Bosgra que já referi, da Polly Gaster que também já referi, de Londres, mas também comités nos países escandinavos com os quais uma

²⁷ **Amílcar Lopes Cabral** (Bafatá, Guiné-Bissau, 12 de Setembro de 1924 — Conacri, 20 de Janeiro de 1973) foi um político, agrónomo e teórico marxista da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, presidente e fundador do PAIGC - Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde. Em 20 de Janeiro de 1973, Amílcar Cabral é assassinado em Conacri.

²⁸ **António Agostinho Neto** (Icolo e Bengo, 17 de Setembro de 1922 — Moscovo, 10 de Setembro de 1979) foi um médico, formado nas Universidades de Coimbra e de Lisboa. Foi Presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola e em 1975 tornou-se no primeiro Presidente de Angola até 1979. Em 1975-1976 foi-lhe atribuído o Prémio Lenine da Paz.

certa tradição havia sido criada – chegámos a ter lá um representante que foi o Lourenço Mutaca que depois abandonou e, mais tarde, voltou à FRELIMO.

Mas já se tinham criado algumas coisas. Criaram-se os *African-group* que eram pessoas que trabalhavam em várias áreas. Recordo-me de um que trabalhava na estatística, outro que depois já nas minhas funções governamentais, vim encontrar, porque nos ajudou a fazer estatísticas dos funcionários do Estado, que era tarefa dele, mas eram solidários connosco.

Países onde nunca conseguimos fazer uma acção muito consistente foi na França. Havia um comité que fazia algum apoio, mas conseguir publicar artigos na França, nos jornais conhecidos era o desespero do Mário de Andrade, porque era ele que tinha os contactos, mas nunca se conseguiu um grande movimento. Houve franceses que nos apoiaram, mas nunca houve um grande movimento.

Conteúdos discutidos na Conferência

P: Quais os outros conteúdos da Conferência?

OM: Os conteúdos da conferência estão transcritos numa coisa que se chama ‘O apelo de Roma’ que tem a data de 29 de Julho de 1970. Era para mobilizar mais força, quer dos partidos, quer através dos comités de apoio que eu acabei de descrever.

Mas há um conteúdo imediato: Nesse ano ia-se realizar na Itália a Conferência da Juventude Socialista. O Piero Vigorelli que era o Secretário-geral da Juventude Socialista era também parte do comité de apoio e um dos membros activos do comité de apoio. Esse comité era presidido por Lucio Luzzatto que era de um partido que se chama o Partido Socialista Italiano da Unidade Proletária. Era um partido à esquerda do partido socialista, mas não tão à esquerda como o Partido Comunista.

Bom, quando há essa conferência ele convida-nos, a nós os representantes dos três movimentos. Não sei se todos foram, mas sei que nós e o MPLA fomos: eu e o Mbeto Traça²⁹, o General. Tivemos participação, tomámos a palavra e foi aí que conhecemos o Jaime Gama³⁰ que vinha da Juventude Socialista Portuguesa e que já tinha dentro do Partido Socialista uma posição anticolonial. Isso tem que ser saudado. Eu gostaria de aproveitar esta ocasião, nunca tive ocasião de referir isso.

²⁹ **Mbeto Traça / Humberto Monteiro Traça** (n. 1941, Sumbe, Angola) viveu no Kwanza-Sul e Luanda até ir para a Universidade em Portugal. Em 1963 foi preso em Lisboa pela PIDE, por pertencer ao MPLA e por tentativa de fuga. Foi libertado e incorporado compulsivamente na 1ª Companhia Disciplinar do exército português. Desertou em Junho de 1964, conseguindo chegar a França com um passaporte falso. Dali partiu para o Congo-Brazzaville, juntando-se às forças de guerrilha do MPLA, tendo actuado em Cabinda (II Região militar) e no Leste de Angola (III Região militar). Foi também representante do MPLA na Argélia e na Tanzânia. Voltou a Luanda em Novembro de 1974 com a primeira delegação oficial do MPLA, chefiada por Lúcio Lara. Na transição para a Independência, foi delegado do MPLA no Kwanza-Sul e membro do Estado-Maior da Frente Centro-Sul das FAPLA. Após a Independência, foi delegado da TAAG e depois regressou às Forças Armadas. Esteve na Força Aérea, coordenou a Comissão instaladora da Academia das Forças Armadas Angolanas (FAA) e foi Director geral do Instituto de Defesa Nacional das FAA. Tem a patente de general. Foi adido militar na embaixada de Angola em Portugal.

³⁰ **Jaime José Matos da Gama** (Fajã de Baixo, Ponta Delgada, 8 de Junho de 1947) é um professor e político português. Membro da Acção Socialista Portuguesa, embrião político que deu origem ao Partido Socialista português. Com uma longa carreira parlamentar, esta é interrompida diversas vezes para exercer funções governativas; Jaime Gama estreia-se como Ministro da Administração Interna, no segundo governo de Mário Soares e mais tarde foi Ministro dos Negócios Estrangeiros

P: Tentando pôr-me “do outro lado” percebo que os partidos comunistas criam tendência de capitalizar o apoio para eles. O que o senhor está a dizer é o contrário, foi dizer, “alarguem-se!”

Os partidos comunistas, com os quais nós tínhamos relações, continuaram a fazer aquilo que faziam na altura. Vou falar por exemplo do Partido Comunista Francês: a correspondência que nós tínhamos com pessoas na clandestinidade aqui em Lourenço Marques, na altura, deviam ser enviados para alguém em França. Eu fui lá uma vez, a mando do Marcelino, obter os endereços de duas senhoras que pudessem receber essa correspondência. Portanto, eles continuaram a fazer essas coisas. Mas a opinião pública francesa, em geral, era pouco conhecedora da Geografia. Sabe que isso é uma falha do sistema ... Eu quando ia falar, em francês, em França e mesmo nos países de expressão francesa, tinha que ir sempre com um mapa para explicar: “Vocês estão a ver a África do Sul? Agora vão subindo um pouco, em frente de Madagáscar, toda essa parte é Moçambique.” Falar da Rodésia e de outros países, nem valia a pena.

Uma vez, fui com o Presidente Mondlane à Jugoslávia. Jugoslávia era um país socialista não-alinhado e eles tinham vindo fazer o primeiro filme nas zonas libertadas, “Venceremos”. Depois, o Presidente Mondlane decidiu que era bom fazer uma versão em português e lá me ensinaram como fazer aquelas coisas: as bobinas que corriam, bobinas magnéticas, bobinas ópticas. Mas foi preciso fazer um mapa... Foi-se à procura dum mapa e não havia, na cidade de Belgrado, a capital, um mapa da África que indicasse onde estava Moçambique.

Então, eu com o guache peguei num mapa geográfico e desenhei o mapa de Moçambique – o que não é fácil porque não há referências, não há números - mas desenhei o mapa de Moçambique. Esse filme ainda existe, conseguimos recuperar há pouco tempo.

Mas houve uma consequência imediata da conferência. Falei há pouco de duas grandes decisões: Primeiro, fazer um comité unitário para apoiar a conferência no qual as decisões eram tomadas; segundo, um de nós teria de ser uma cara visível na conferência...

A Geminação com Reggio Emilia

P: A terceira é, obviamente, a da geminação. Como surgiu a ideia da geminação com Reggio Emília?

OM: Durante o processo de preparação, a Dina Forti vem com a ideia do Papa, mas com mais duas ideias.

Primeiro, deveria fazer-se uma geminação entre cada um dos movimentos e uma das comunas da região de Reggio Emilia, onde o Partido Comunista tinha uma vantagem acima de 50% e onde tinha câmaras sob o seu controle e, em certos lugares, também nas Províncias.

Na Itália há a Comuna que é como as Câmaras Municipais, que lidam com os problemas de lixo, das escolas primárias.

Então, lá vamos, o Marcelino e eu para Reggio Emilia.

Mas eles lembram-se de uma segunda coisa: na Itália, ao nível da Província, portanto, ao nível territorial superior, não faziam as mesmas coisas que faziam as câmaras. Porque há por vezes essa tendência, nós aqui, todos fazem as mesmas coisas. Não é assim na descentralização, cada um faz uma área de que é especializado. Algumas são comuns, naturalmente, mas de contrário começa a haver demasiadas linhas de sobreposição.

Eles tinham peso e porque o movimento comunista na altura era muito influente, não poderia ser ignorado. Tinham já dado às províncias, onde o movimento comunista tinha a maioria, responsabilidades na área da saúde. Então, havia um hospital em Reggio Emilia que se chamava *L'Archiospedale de Reggio Emilia* cuja dimensão, diria que era por aí dois terços da área do nosso Hospital Central de Maputo. Portanto, uma coisa séria com especialistas de saúde, com escolas que vim a conhecer mais tarde na própria Universidade de Bolonha. Eu fui ao aniversário de 25 anos da primeira Escola de Gestão de Saúde.

Para fazer isso, as Comunas não começaram a dirigir hospitais e a saúde com amadores. Logo que estiveram para receber essa competência, começaram a preparar-se, a ter pessoas preparadas que eram especialistas na área. O contrário é uma regressão, é um perigo total de destruição.

Então, quando nós chegamos a Reggio Emilia fomos recebidos pelos partidos, pela Comuna, na Sala da Comuna. Existem fotos. Marcelino dos Santos assina com o Presidente da Comuna Renzo Bonazzi³¹ - o mesmo que tinha escrito uma carta de apoio à Frelimo quando tinha começado a luta de libertação - um acordo de parceria e há uma ideia nova que surge ali: Propuseram fazer uma geminação entre o tal enorme e qualificado Hospital de Reggio Emilia e um hospital nosso. Foi designado o Hospital³² de Mtwara que era uma pequena construção. Mas não era o tamanho que interessava, era a ideia.

Estamos em 1970. Enquanto se estava a realizar a conferência, estava a ter lugar a operação No-Górdio³³ e alguns dos nossos camaradas perderam membros devido às minas. Entre eles, lembro-me de dois nomes, o Amândio Chongo que depois veio a ser embaixador e o [imperceptível]. Eles vêm de Dar es Salaam e eu acompanho-os para Reggio Emilia onde ele depois recebeu uma prótese. Luís de Paiva também recebeu uma prótese e depois ficou lá a estudar. Os dois ficaram lá a estudar.

Houve outros camaradas que foram preparados por um técnico deles que se chama Montorci, para fabricarem próteses - eram já pessoas da zona com a tradição de trabalhar a madeira. Então, eles aprenderam a fazer as próteses. O próprio Montorci veio, depois, montar em Mtwara onde estava o nosso hospital, uma oficina de

³¹ **Renzo Bonazzi** (27 de Janeiro de 1925 - 2 de Abril de 2010) foi um político e advogado italiano. Foi membro do Partido Comunista Italiano. Serviu como Presidente da Comuna de Reggio Emilia de 1962 a 1976. Foi eleito para o Senado da República de 1976 a 1987 por três legislaturas.

³² **Acordo de Geminação** - Em 2 de Julho de 1970 foi assinado entre o Hospital Santa Maria Nuova de Reggio Emilia e o Hospital Central de Cabo Delgado Dr. Américo Boavida, em Mtwara, cidade da Tanzânia junto à fronteira com Moçambique. O hospital com 67 camas servia os feridos da guerra de libertação.

³³ A **Operação Nó Górdio** foi a maior e mais dispendiosa campanha militar portuguesa em Moçambique. Decorreu em 1970, durante a Guerra Colonial Portuguesa (1961 - 1974). Os objectivos desta campanha consistiam em erradicar as rotas de infiltração das guerrilhas independentistas ao longo da fronteira com a Tanzânia e destruir as suas bases permanentes em Moçambique. A Nó Górdio durou sete meses, mobilizou no total trinta e cinco mil militares. A Nó Górdio foi lançada sob ordens de Kaúlza de Arriaga, comandante-chefe e executada pelo Comando Operacional das Forças de Intervenção (COFI).

próteses. Ele inventa também, uma maca que pudesse transportar os feridos em combate. Há fotos no Boletim de Reggio Emilia.

De maneira contínua, o Giuseppe Soncini³⁴ desenvolve uma cultura, uma leitura, uma paixão. Ele tinha uma formação em Economia, era o presidente de *L'Archiospedale* e todos os meses, publicava um Boletim que informava os trabalhadores de tudo que se passava no hospital. Portanto, era um modelo muito participativo. Acrescentava umas páginas cor-de-rosa sobre a Luta de Libertação em Moçambique. Ficou conhecido como o presidente das páginas cor-de-rosa, o que eu penso que é um elogio, olhando à distância.

Nós já imprimíamos em *offset* sob a direcção de Jorge Rebelo³⁵ e com pessoas como Morais Mabyeka, um tanzaniano de origem goesa chamado Paulo Silveira - que depois veio para Moçambique e ficou moçambicano - e o Milhafre que era um dos nossos desenhadores. Produzíamos os manuais escolares e também produzimos o *Mozambique Revolution*³⁶ que era uma publicação admirada, mas não éramos capazes de fazer separação de cores. Tínhamos que fazer uma cor e depois fazer outra cor.

Então passámos a pedir a eles que nos fizessem isso. Dentro do movimento cooperativo Emiliano em Bologna havia uma empresa chamada STEB com a qual, o Jorge Rebelo assinou um acordo também de geminação e eles faziam as nossas capas.

Depois aproveitei para pegar no número 151 do *Mozambique Revolution*, e imprimi-lo em francês. Isso foi feito por eles e nem sequer veio em grande quantidade para aqui, porque era para difundir no mundo de expressão francesa para tentar fazer a mesma coisa que o *Mozambique Revolution* tinha feito nos países de expressão inglesa que era elevar o prestígio, porque quando se vê o movimento organizado a fazer as coisas bem, dá vontade de ajudar.

Entretanto, as coisas foram evoluindo com o golpe de Estado em Portugal e acaba por não se tirar tanto proveito disso como se desejava. Estas acções são múltiplas - há pouco tempo eu recebi um *flash* do filho de Soncini com a recolha que eles fizeram de todos os cartazes que foram publicados na Itália. Inclusive havia cartazes feitos à mão com essas canetas grossas, fotocopiados e colados nas paredes.

Se me permitem uma história: um dia, eu estou a chegar para uma série de conferências e o carro está a dar a volta na estrada e eu vejo escrito lá num desses cartazes à mão "... Parla Óscar Monteiro". Eu pus às mãos a cabeça: "Eu aqui a inventar nomes para os passaportes para não ser proibido de entrar na Itália e estes indivíduos botam-me isto aqui."

³⁴ **Giuseppe Soncini** (1926 - 1991) foi um político italiano. Ele era um membro do Partido Comunista Italiano e uma figura de liderança no governo da cidade de Reggio Emilia, no norte da Itália. Nesta posição, ele promoveu ligações entre Reggio Emilia e os países da África Austral, em particular os movimentos anticoloniais e anti-*apartheid*. Por este trabalho ele recebeu postumamente o prémio da Ordem dos Companheiros de O. R. Tambo pela presidência sul-africana.

³⁵ **Jorge Rebelo** (1940, Lourenço Marques) é um advogado, poeta e político moçambicano. Juntou-se à FRELIMO durante a luta de libertação nacional e tornou-se o secretário de informação deste movimento. Foi especialmente responsável pela divulgação da propaganda da FRELIMO e editor do Boletim da Revolução Moçambicana. Durante este período, tornou-se conhecido como o poeta da revolução moçambicana e criou a "Liberdade", um dos poemas mais famosos da luta da liberdade de Moçambique. Foi membro do Bureau político e do Comité Central da FRELIMO, Secretário do Trabalho Ideológico da FRELIMO e Ministro da Informação a seguir à Independência.

³⁶ **Mozambique Revolution** era um jornal publicado Pela FRELIMO, em língua inglesa, durante a luta armada de libertação de Moçambique.

Argélia como parceiro importante na luta clandestina

Felizmente nenhuma consequência aconteceu, mas isso leva-me a falar dos nomes que a gente tinha que inventar. Eu tinha passaportes argelinos que eram autênticos. Simplesmente os nomes e os dados, a altura, etc. a profissão - punha a profissão de advogado que não era, porque eu era o representante da FRELIMO, mas também não se podia escrever isso lá. Mas a foto e o resto, eram emitidos oficialmente. Isso fez parte da solidariedade entre movimentos da libertação já do tempo da guerra da Argélia. Os nossos eram emitidos por um embaixador Mamadou Said, sem pedir autorização ao Hamani Diori ³⁷ que era o presidente dele e era bem capaz de dizer que não. Ele como tinha o direito de emitir passaportes, fazia-nos os passaportes.

Mocumbi³⁸ recebeu um com o nome de Bocano Modi, eu recebi um, com o nome de Yaya Osman porque eles pensavam que eu poderia passar por um nigeriano dali do deserto semi-mauritano. Mesmo os mauritanos diziam: “*Nós temos pessoas iguais a ti*”, mas o governo da Mauritânia não nos dava passaportes. Depois, eu passei a ter passaportes argelinos. Mas era importante que os nomes não fossem “queimados”, isto é, que não se soubesse que aquele era o meu nome, porque ao chegar a Itália, eles tinham um livro grosso e iam lá ao nome, claro que não apanhavam nada.

Mas era preciso que não fosse indicado que este fulano, afinal chama-se fulano, tal como fizeram na França uma vez. O Marcelino dos Santos tinha sido expulso de França, porque tinha falado num comício. Então a partir daí, ele ia com outro nome marroquino que era Ahmed Drawi. Deixavam-lhe passar, desde que ele não fizesse comícios públicos pois, nesse caso, ele recebia uma ordem de expulsão imediata.

Então, eu estou na Itália com essas preocupações, estou no hotel onde a gente se abrigava que fica ali perto do sítio da conferência. Ouço o indivíduo da recepção a dizer “*Senhor Monteiro?*” “*Mas nós não temos aqui nenhum senhor Monteiro!*”. O outro deve ter descrito como é que eu era, estava com barba e óculos, tinha uma barba mais farta do que esta e ele dizia: “*O senhor está aqui, está mesmo a minha frente mas não se chama Monteiro, chama-se Meduri*”. Eu disse: “*Ohh pa, lá estou eu mal outra vez.*” Pior ainda quando um dia desço e vejo que toda gente tinha lá, no seu quadrado, o nome. O meu era o único que tinha dois nomes, tinha Monteiro e por baixo tinha, Meduri. Felizmente não havia esses sistemas electrónicos que há hoje. Essa informação ficava naquele lugar. Hoje se vamos à internet, apanham-se logo todos nomes que as pessoas estão a usar, em todos lugares.

Enquanto essas várias acções se vão realizando, devo referir um momento importante: é que Reggio Emilia considera importante que a sua população seja informada do que se está a passar, sobre a geminação. Então, eles mandam um

³⁷ **Hamani Diori** (6 de Junho de 1916 - 23 de Abril de 1989) foi o primeiro presidente da República do Níger. Ele foi nomeado para esse cargo em 1960, quando o Níger ganhou a independência. Embora a corrupção fosse uma característica comum de sua administração, ele ganhou respeito internacional por seu papel como porta-voz dos assuntos africanos e como árbitro popular em conflitos. Seu governo terminou com um golpe em 1974.

³⁸ **Pascoal Mocumbi** (nascido a 1941) é um médico e político moçambicano. Foi Ministro da Saúde, dos Negócios Estrangeiros (entre 1987 e 1994) e Primeiro-ministro do Governo de Moçambique de 1994 até 2004.

grupo de políticos, entre eles, o Soncini e cineastas, que fazem um filme chamado “*Dieci giorni in Mozambico Libero*”- “*Dez dias em Moçambique Livre*” que existe, do Franco Cigarini que era um cineasta dali. Era um filme muito simpático, muito agradável de se ver. Quando fizemos uma homenagem a Soncini há uns três ou quatro anos atrás, eles exibiram esse filme.

Enquanto decorrem todas essas acções, potenciadas também por filmes e por outras acções, por essas páginas cor-de-rosa que levavam a aumentar pessoas que apoiavam a nossa luta, pensa-se na organização duma Conferência Nacional, para de novo mobilizar todos os partidos políticos italianos. Portanto, não ser só uma coisa dos comunistas, ou de Reggio Emilia, mas sim alargar a toda Itália. O Presidente Samora vai a essa conferência e eu fico dois meses também. Parece que se tinha tornado um hábito, organizar conferências e comer comida italiana... vim de lá gordíssimo, a mobilizar os partidos e a juventude. A juventude faz cartazes, faz várias coisas muito criativas.

Conferência da Juventude Socialista de Roma

P: Ainda em 1970, depois da Conferência de Roma, mencionou a Conferência da Juventude. Qual teria sido o objectivo desta conferência. Tem alguma semelhança com a de Roma?

OM: Não era uma conferência dedicada a Moçambique, era uma conferência dos jovens socialistas que tinham também que afinar as suas posições, porque era preciso afirmar a personalidade dos jovens socialistas e os seus pontos progressistas.

Os jovens socialistas também estavam à procura da afirmação da sua personalidade: “O que é ser socialista?” Destacando-se dos movimentos comunistas, mas tendo uma acção significativa.

Nós não entrávamos nessa discussão, nós íamos lá apresentar o nosso problema e obter solidariedade, mas foi de alguma maneira, um dos primeiros resultados da Conferência de Roma: A geminação com Reggio Emilia.

O estar presente na conferência, o falar, o ser ouvido, o mencionar-se na resolução final que apoiavam as lutas de libertação era uma vitória grande. Uma conferência é uma conferência, é preciso depois ver se isso cria algumas actividades a seguir que é sempre essa a preocupação.

De contrário ficam-se por resoluções, mas não muito mais, isto é uma lição para sempre. Porquê? Porque organizar uma conferência é trabalho demais e é um custo enorme. Tem que se pensar muito bem se não é só isso que se vai obter, tem que se obter mais.

A segunda grande acção de grande nível que se fez foi a Conferência Nacional de Solidariedade com os movimentos de libertação das Colónias portuguesas, organizado por Reggio Emilia.

P: Antes da conferência, terá mencionado a geminação entre o hospital da FRELIMO e Reggio Emilia e no seu livro “De todos se faz um País”, terá mencionado alguns nomes como Maria Salghetti e outros que se ofereceram para trabalhar em Mtwara. Poderia falar mais acerca disso?

OM: Maria Salghetti vem de Milão e oferece-se como voluntária para trabalhar em Moçambique. Os detalhes não conheço. Era uma enfermeira diplomada. Nós tínhamos um médico búlgaro que é o Dr. Slavov, cirurgião. Numa guerra, os cirurgias são importantes. Ela estava ao nível de assisti-lo como enfermeira diplomada. Temos outras pessoas que se oferecem, mas para as quais nós não tínhamos actividade imediata, nem meios de sustentação, como o Marco Battisti. Marco Battisti vem de uma família com o nome prestigiado na Itália, porque o avô dele fez parte dum monumento em Trento, porque é dos Combatentes. Cheguei, por coincidência, a ver em Milão uma rua chamada Marco Battisti que era o avô dele. Era diplomado pela Universidade de Bocconi, muito competente e vem mais tarde. Nós não tínhamos capacidade de os acolher e sustentar, era complicado.

Algumas actividades italianas em Moçambique após a independência

Mas depois da Independência ele vem e trabalha em duas frentes, primeiro no Ministério de Transportes com José Luís Cabaço³⁹ e mais tarde ele e o Danilo têm um programa, em Manica, apoiado por Trento no qual Mario Raffaelli⁴⁰ joga um grande papel porque era já um político de nomeada. É um programa diferente em termos de organização, no sentido que em vez de se fazer o projecto com todos os detalhes, tem uma larga margem de amplitude. Por exemplo, descobre-se que há leite de ovelha, então faz-se queijo de ovelha. Coisas nesse género foram feitas, não sei qual é a situação hoje.

P: A geminação como foi feita na prática? Quem assinou o acordo?

OM: Primeiro houve o acordo global com Reggio Emilia, mas depois a geminação é específica, porque já é ao nível da província: é feita entre Soncini do *L'Archiospedale* de Reggio Emilia e o director do Hospital Provincial de Cabo Delgado. A geminação, como todos acordos, tem os princípios do que se vai fazer e como se faz na prática. Era aquilo que acabei de dizer, próteses, formações, tratamento, certos tratamentos que nós não conseguíamos fazer em Dar es Salaam, mandávamos para Reggio Emilia, tudo negociado antes.

P: A maneira como falou sobre os movimentos cooperativos na Itália, deu impressão que foi uma das fontes de inspiração para mais tarde vir a implementar

³⁹ **José Luís Cabaço** (Maputo, 10 de Agosto de 1941) licenciado em Ciências Sociais pela Università degli Studi di Trento, Itália em 1971 e Doutoramento em Antropologia Social, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil, em 2007, foi jornalista, militante da FRELIMO na clandestinidade e Ministro de Informação e dos Transportes no Moçambique pós-Independência.

⁴⁰ **Mario Raffaelli** (Trento, 15 de Maio, 1946) é um político Italiano, membro do Partido Socialista Italiano. Entre 1990 e 1992 representou o Governo Italiano nas negociações que levaram ao Acordo Geral de Paz entre o Governo de Moçambique e a RENAMO.

em Moçambique. O movimento cooperativo italiano foi um exemplo para a luta anticolonial em Moçambique?

OM: Sim, eu tive ocasião, efectivamente, nessas múltiplas missões que fiz em Itália, de conhecer, por exemplo, a fabricação do *Parmigiano Reggiano*. Cada queijo, leva 250 litros de leite, depois tira-se da água e mesmo assim fica aquela bola bem grande. Ninguém produz num dia de 250 litros de leite, então regista-se, fulano trouxe tantos litros, fulano trouxe tantos litros que é o crédito que ele tem naquela bola de queijo. Ora para produzir cada queijo, não são necessários juntar só os 250 litros, mas furá-lo, deixar sair aquele tipo de bolor e limpar constantemente para ele endurecer a casca. Para isso eles têm o que chamam de caixas fortes. Caixa forte, na realidade, é um grande armazém que têm centenas de queijos e que tem um funcionário com uma máquina de polir.

Vai polindo queijo por queijo, todos os dias. Termina num certo sítio e vai voltando porque ainda leva tempo, deve levar vários dias. Mas como é que vivem os trabalhadores, os produtores durante aquele tempo? Entregam essas caixas fortes a um banco, os bancos adiantam o dinheiro que corresponde a uma parte do dinheiro que vale a produção. Portanto, a sabedoria das pessoas e algumas especificidades levaram a região a produzir produtos que são muito apreciados no mundo, quase únicos. O *Parmigiano Reggiano* só é produzido naquela zona porque é no Vale do Pó que nasce uma florzinha amarela que dá a cor e o gosto.

Eu visitei uma cooperativa na onde trabalhava a Bruna Soncini onde eles tratavam dos leitões, dos porcos e faziam presuntos. O presunto de Parma foi durante muitos anos considerado um dos melhores e seguiam o mesmo processo. Portanto, há aqui um trabalho em conjunto, competência, qualidade e visão que faz o sucesso no Movimento Cooperativo italiano.

Fala-se com os dirigentes do Movimento Cooperativo italiano e são grandes pensadores. Tenho estado agora a falar agora com o filho do Soncini que é o Presidente da Companhia das Águas da Itália. Já é uma companhia internacional, já está no torneio de ténis de Reggio Emilia, já há um circuito de automóveis de Reggio Emilia, peças para viaturas de grande qualidade, Ferraris, etc., são feitas lá. Portanto, os sistemas são importantes, mas o mais importante é a competência, a dedicação ao trabalho e a inovação constante.

Penso que não aproveitámos o suficiente, penso que ainda é tempo de fazer-se um acordo de geminação escrito ou não, em que Reggio Emilia nos venha dar algumas ideias, pensar, conversar conosco, explicar melhor do que eu, como é que eles conseguiram fazer essas coisas, como é que conseguiram fazer afinal o que é o objetivo do comunismo que é a prosperidade das pessoas.

As pessoas vivem bem com o turismo. A zona de Rimini tem cinco linhas de hotéis de 2 ou 3 km, começando da praia, onde estão os hotéis mais caros, depois vêm outros e outros. É uma concentração hoteleira logo a seguir a Miami. Hotéis como o Hotel Polana tem por aí uns 20 ou 30, assim com aquela grandeza, aparência, etc.

P: Ainda antes de chegarmos à conferência de 1973 que seria o último ponto, gostaria de saber como é que aparece nessa revista internacional a entrevista ao Marcelino dos Santos.

OM: Os italianos, intelectuais, artistas, as personalidades italianas são de uma muito maior simplicidade do que todos os outros artistas que eu encontrei em outros países. Eu sou um fã do neo-realismo italiano. Vi e tinha todos os filmes, a começar por "*Riso Amaro*"⁴¹ com a Silvana Mangano ⁴² que descrevia as condições de produção do arroz e a exploração a que as pessoas eram votadas. Eu já quando estudante via duas, três, quatro vezes os filmes em italiano, não falava italiano, mas havia aquele sistema de legendas e já tinha os sons no ouvido.

A Dina Forti levou-me a conhecer dois artistas: Giuseppe de Santis⁴³ que fez esse filme, fomos a casa dele nos arredores de Roma - estávamos a pensar como é que iríamos talvez fazer um filme de enredo - e o Renato Guttuso⁴⁴, artista que fez até um cartaz para nós, para a conferência.

O movimento de solidariedade atingiu com muita facilidade a camada artística, um poeta palestino Wael Zwaiter⁴⁵, ficou nosso amigo e ele era amigo do Moravia⁴⁶ e organizou uma entrevista do Moravia ao Marcelino dos Santos na revista semanal *L'Espresso* que era uma das revistas de maior prestígio na Itália. É assim que aos poucos também se vai estendendo, porque a entrevista depois é traduzida em outras línguas, é conhecida. Eu conheci mal o Moravia, mas, pelo menos, conheci.

P: Agora acabou de referir uma outra actividade que também entra na sequência da conferência que era o festival de cinema...

OM: Estes movimentos iam-se estendendo. Por exemplo, na Itália, tem lugar um festival organizado por cineastas progressistas, o Rossellini⁴⁷, o actor Castelli, não me lembro de mais nomes e eles queriam fazer a ligação entre o sul de Itália e o terceiro mundo. O Festival é chamado "*Marsala terzo mondo*". Fez-se esse festival e nós somos convidados a participar. Levo um dos documentários feitos sobre Luta de Libertação e fiz uma pequena palestra sobre isso. Portanto, é como as coisas vão atingindo sector a sector e vão crescendo.

⁴¹ *Riso Amaro* é um filme de drama italiano de 1949 dirigido por Giuseppe De Santis. Foi apresentado em competição no 3.º Festival de Cannes. Recebeu uma nomeação para o Óscar de Melhor Argumento, em 1951.

⁴² **Silvana Mangano** (1930 – 1989): iniciou a vida como dançarina e também trabalhou como modelo. Recebeu diversas propostas de Hollywood, mas preferiu ficar no cinema italiano.

⁴³ **Giuseppe De Santis** (11 de Fevereiro de 1917 - 16 de Maio de 1997) foi um cineasta italiano. Um dos cineastas neorrealistas mais idealistas das décadas de 1940 e 1950, ele escreveu e dirigiu filmes pontuados por fervorosos gritos de reforma social.

⁴⁴ **Renato Guttuso** (Bagheria, 26 de Dezembro de 1911 — Roma, 18 de Janeiro de 1987) foi um pintor e político italiano, expoente da pintura neo-realista italiana.

⁴⁵ **Abdel Wael Zwaiter** (2 de Janeiro de 1934 - 16 de Outubro de 1972) foi um tradutor palestino, assassinado como o primeiro alvo da Operação Ira de Deus de Israel após o massacre de 1972. Israel considerou Zwaiter um terrorista por seu papel no grupo Setembro Negro, enquanto seus partidários argumentam que ele "nunca foi conclusivamente ligado" com o Setembro Negro ou o massacre de Munique. Na época, Zwaiter era o representante da OLP na Itália, e enquanto Israel alegou privadamente que ele era um membro da *Black September* e estava envolvido num plano fracassado contra um avião da El Al, membros da OLP argumentaram que ele não estava de forma alguma conectado. Abu Iyad, vice-chefe da OLP, afirmou que Zwaiter sempre foi "energicamente" contra a violência política.

⁴⁶ **Alberto Moravia**, pseudónimo de **Alberto Pincherle** (Roma, 28 de Novembro de 1907 — Roma, 26 de Setembro de 1990) foi um escritor e jornalista italiano.

⁴⁷ **Renzo Rossellini** (24 de Agosto de 1941), também chamado de Rossellini Jr., é um produtor de cinema italiano, activista político de esquerda e inovador em comunicação. Ele é o segundo filho da figurinista Marcella de Marchis e diretor de cinema Roberto Rossellini. Desde 1964, ele produziu 64 filmes. Teve a seu cargo em 1970 e 1971 duas edições da Resenha Cinematográfica Marsala Terzo Mondo, na Sicília, dedicadas ao cinema africano e latino-americano, respectivamente.

O desembocar desse crescimento é a realização de uma Conferência Nacional de Solidariedade com os movimentos de libertação das Colónias portuguesas organizada pelas forças italianas. É criado da mesma forma um Comité italiano e a conferência realiza-se no Teatro Municipal de Reggio Emilia que é uma joia desse período. Joga também um papel na História italiana. Assim como aquela sala quando se assinou o acordo é a *Sala del Tricolor*⁴⁸ onde foi inventada a bandeira italiana. Portanto, havia uma actividade política intensa, Reggio Emilia não surge assim de repente, só com o movimento cooperativo. Há um movimento político muito intenso ligado à História da Itália e à História da unificação italiana.

A Conferência de Reggio Emilia (1973)

P: Na conferência de 1973, quem participa?

OM: A conferência de 1973 do nosso lado que eu me recorde participou o Alberto Cassimo, eu também participo, mas estou mais na nossa delegação da organização. O Silvino da Luz pelo PAIGC e o Manuel Soares da Silva, entretanto falecido, pelo MPLA.

P: É nesta conferência onde a delegação moçambicana é chefiada por Samora Machel?

OM: Exatamente, a nossa delegação é chefiada pelo Presidente Samora, que é a figura principal da conferência. É a primeira vez que Samora Machel vai a Itália e depois da conferência nós vamos ter encontros com todos os partidos políticos. Havia muitos partidos políticos na Itália e nós tínhamos que encontrá-los em Reggio Emilia. Tivemos que ter encontros com esses partidos em Bologna e também em Roma, com as direcções nacionais. Por exemplo, com o Partido Democrata Cristão, falámos com o chefe do grupo parlamentar.

Não era fácil definir uma linguagem adequada para partidos que têm diferenças muito pequenas, mas para as quais certas palavras são anátemas, "*Aqui não debes usar essa palavra, aqui a guerra deles é com estes...*" Nos primeiros encontros faziam-se notas, não se fazia um *briefing* geral, porque não servia para nada, já que as diferenças eram muitas. Faziam-se notas, encontro por encontro. A partir de segundo encontro já não era preciso muita coisa e em Roma já não se precisava de nada, o Presidente tinha apanhado, imediatamente, quais eram os problemas que existiam e fazia o discurso adequado para cada partido o que era prova da sua qualidade, da sua capacidade de absorção muito rápida das coisas.

P: Que pontos específicos foram debatidos nesta conferência?

OM: De novo era o mesmo problema do alargamento. Aqui havia também a preocupação de não deixar criar a imagem de que o movimento de solidariedade

⁴⁸ A *Sala del Tricolore* (Sala do Tricolor, anteriormente o Salão Patriótico, é um salão histórico que actualmente serve como Câmara do Conselho da Comuna de Reggio Emilia, norte da Itália. Foi desenhado pelo arquitecto Lodovico Bolognini como arquivo da família ducal de Este. Na *Sala del Tricolore*, em 7 de Janeiro de 1797, nasceu a bandeira da Itália. Ao lado da sala está o Museu da Bandeira Tricolor, cuja colecção é composta por relíquias relacionadas à bandeira italiana.

estava nas mãos do partido comunista, o que era já um objetivo inicial. Mas atenção, na prática quem estava a organizar era o Hospital de Reggio Emilia, eram os grupos mais progressistas na própria conferência, eram os jovens mais próximos dos comunistas. Não sei se eram do Partido Comunista. Eram jovens e era preciso levar os outros movimentos a assenhorearem-se deste movimento. Este era o objectivo principal. Depois o resto era contar experiências que tinham tido lugar, difundir realizações, reviver o movimento de solidariedade, porque o facto de se ser solidário não significa que se vai ser sempre, de vez em quando, é preciso um certo entusiasmo.

P: Disse que assistiu filmes italianos com legendas... então, quando é que aprende italiano, quem são as pessoas que ajudaram neste processo?

OM: Quando eu chego a Itália, nos primeiros contactos eu falo em francês e toda a classe política quer em Roma, quer em Bologna, um bocado menos em Reggio Emilia mas bastante em Milão, toda essa gente falava francês. Começo a ter dificuldade a falar francês em outras partes de Itália, porque fazíamos conferências em todos os lugares. *Pico* era uma comuna. Se ouviam falar que havia um representante da FRELIMO a falar diziam: “*Nós também queremos*”. Isso era muito frequente e também partidos, associações, movimentos estudantis.

Eu dou-me conta disso, duma maneira gritante, porque depois da conferência resolveram dar-me um prémio: ir descansar numa aldeia. Então, eu vou lá descansar, a aldeia chamava-se *Castelnovo ne’Monti*. É conhecida por ter um planalto perto e faziam-se excursões para lá. Fico lá numa casa de um jovem simpatizante. Fiquei sempre em casas de simpatizantes ao longo desses anos, às vezes até dormia no sofá. Na Escócia era mesmo gente pobre e a única coisa que eles tinham para me dar era o sofá e eu dormia no sofá. Isso passou-se com muitos dentre nós e ficávamos agradecidos.

Então, eu chego de viagem, cansado e vou descansar. Quando desço, está um pequeno grupo de umas 20 ou 30 pessoas. Eu, um bocado admirado, nenhum deles falava francês. Eles dizem: “*Benvenuto amico alla nostra piccola conferenza stampa*” *Stampa* é Conferência de imprensa, mas não havia ninguém da imprensa, era um encontro, uma pequena palestra. “*Como é que eu vou falar com essas pessoas se não falam francês?*” Então busquei todas as forças e fiz uma palestra em italiano. A primeira vez que falei em italiano foi em Castelnovo ne’Monti. Ultrapassei o receio de falar, passei a falar.

Os meus amigos é que me chamaram atenção sobre isso: “*Mas o que é que se passou Óscar, foste lá descansar numa aldeiazita e chegas aqui, já falas italiano à vontade?*” Ninguém me ensinou. Fui comprar uma gramática da Armida Roncari que se chama *La lingua italiana per gli stranieri*. Há uma metodologia para ensinar os estrangeiros, que chama a atenção para as irregularidades. Em português também há irregularidades que não se sabem explicar, aprende-se que há uma irregularidade. Passei a copiar os verbos, porque são extremamente importantes para falar uma língua. Vocábulo já os conhecia dos filmes, de ouvir falar as pessoas, etc. Só não

sabia fazer as ligações. Todos os dias eu estudava um verbo. Também tem uma gramática não assim tão fácil como a inglesa.

Estava tão concentrado que uma vez a atravessar uma rua fui atropelado por um carro, mas era um Fiat 500, quase uma trotinete. Sofri aqui um bocado na vista, os óculos também sofreram, fiquei aqui com uma cicatriz que ainda tenho, mas não foi nada de grave. Foi perto do Centro de Saúde do Partido Comunista, fui lá e eles trataram-me logo. Não atingiu a vista, portanto a única pessoa que me ensinou italiano foi o médico do serviço comunista a tratar-me da lesão que eu tive. Aprendi sozinho.

O italiano é muito agradável, é muito rico. É mais rico que o francês e tem literatura de grande nível que eu já conheci, traduzida em português, de Italo Calvino⁴⁹, “Visconde cortado ao meio”, entre outros. Todos os outros, eu já tinha conhecido antes traduzidos, então voltei a ler esses livros. Isso também me ajudou e era preciso falar com as pessoas, pronto. O que é que eu podia fazer? Se eu ia para a Itália para falar com as pessoas, tinha que aprender a falar, paciência.

P: Nesse sentido, vocês contactam durante esse período com este movimento de solidariedade que tem muita ligação aos elos comunistas. Em que medida pensa que o pensamento, as reflexões, as práticas de Itália, possam ter influenciado, portanto o pensamento marxista da FRELIMO.?

OM: Para isso, é preciso fazer duas diferenças. O que é o pensamento marxista dentro da FRELIMO? Naquele outro texto, eu cito uma declaração de Kissinger.⁵⁰ Agora o Kissinger está contra a corrente, não vale a pena nem citá-lo. Ele está a justificar a entrada das tropas, da ajuda do John Stockwell⁵¹ que escreveu *In search of enemies*.

O John Stockwell fez uma declaração recentemente dizendo que o trabalho dele era de inventar notícias. Está a circular por aí, era um agente da CIA. Ele justifica a ajuda à UNITA⁵². Tem uma frase que diz “...while in Mozambique, Marxism resulted from essentially endogenous evolution” (...enquanto em Moçambique, o marxismo resultou de uma evolução essencialmente endógena). Essa declaração é feita em Janeiro de '76, em Accra. Estava nos boletins da CDMI. Em Accra também deve haver algum registo disso, nos arquivos americanos do Departamento de Estado. Isso quer dizer enquanto em Angola era uma intervenção soviética aberta em Moçambique o marxismo resultou de uma evolução essencialmente endógena.

Por que digo isto? Porque eu penso que em '77 houve uma grande precipitação em declararmo-nos marxistas-leninistas, não tínhamos condições de ser, estávamos ainda na fase da revolução democrática popular. Mas tínhamos um mundo dividido

⁴⁹ **Italo Calvino** (Santiago de las Vegas, 15 de outubro de 1923 — Siena, 19 de setembro de 1985) foi um dos mais importantes escritores italianos do século XX. Nascido em Cuba, seus pais eram cientistas italianos que passavam uma curta temporada no país para depois retornar à Itália pouco tempo após o seu nascimento. Sua literatura é considerada sincera, delicada e extremamente ágil.

⁵⁰ **Henry Alfred Kissinger** (nascido Heinz Alfred Kissinger; Fürth, 27 de Maio de 1923) é um diplomata americano, que teve um papel importante na política externa dos Estados Unidos da América (EUA), entre 1968 e 1976.

⁵¹ **John R. Stockwell** (1937) é um ex-oficial da CIA que se tornou um crítico das políticas do governo dos Estados Unidos depois de servir sete missões de dever ao longo de treze anos. Tendo gerido o envolvimento americano na Guerra Civil Angolana como Chefe da Equipa de Angola durante suas operações secretas de 1975, ele renunciou e escreveu “Em Busca de Inimigos”.

⁵² **UNITA** - União Nacional para a Independência Total de Angola, é um partido angolano, fundado em 1966, por dissidentes da FNLA e do GRAE (Governo de Resistência de Angola no Exílio), de que Jonas Savimbi, fundador da UNITA, era Ministro das Relações Exteriores.

e essa divisão do mundo arrastou-nos para um dos lados. Porquê? Porque o armamento, no momento, só vinha daquele lado. Não vinha de outro lado e não viria de outro lado, porque mais tarde prometeram armamento se nós cortássemos ligações com a União Soviética. Nós cortámos as ligações com a União Soviética, mas não recebemos nem um fuzil, porque uma coisa é diplomacia, essa coisa de armas é outra coisa.

Havia uma pressão. Eu falei com diplomatas dos países socialistas: *“Não é possível, nós apoiarmos mais, porque vocês não se definem.”* Eu até conheço o nome da pessoa, Jivkov⁵³ mandou aqui uma pessoa que ele chamou Enviado Especial Permanente. Eu ofereci uma viatura mas o homem, nunca mais saía, até que eu disse: *“Desculpe, não posso dar-lhe uma viatura, arranje a sua viatura, porque se você fica por dois ou três dias é uma coisa... agora, está aqui há meses.”* Esse enviado era um daqueles que diziam: *“Vocês não se definem...”*, como mais tarde, outros embaixadores diziam, porque a gente recebia muito pouca ajuda da União Soviética.

Houve um momento em que aquele avião *Ilyushin 62*, o avião Presidencial, precisou de fazer uma reparação. Ficou lá, porque a gente não pagava. Eles queriam que a gente pagasse a reparação. Aquele avião já era um problema, demos aquilo à LAM. A LAM ia-se afundando com o consumo de combustível daquele avião. Também não tínhamos pago. Nós nunca pagámos. Depois das mudanças, eles quiseram que a gente pagasse, mas a gente não pagou.

Mais tarde, eu tive a ocasião de dizer isto ao presidente Tambo:⁵⁴ *“Sabe quantos helicópteros M8 temos? Três. Sabe quantos estão a funcionar? Zero.”* Também não podíamos mandar reparar, senão ficávamos sem eles. Então, devem ter apodrecido por aqui, ou reparados, mais tarde. Eu penso que o presidente Nyusi⁵⁵ é que os mandou reparar.

Os MIGs que ainda tínhamos nas caixas, em Nacala, mandou-se para a Roménia e já recebemos dois. São esses que andam aí, um espatifou-se lá nas experiências. Mais tarde houve pessoas que vinham dizer: *“Vocês não recebem mais armamento, porque vocês não dizem “graças à União Soviética” e aos outros países socialistas.”* Nós recusámos sempre pronunciar o “graças a” e pagámos por isso.

⁵³ **Todor Hristov Jivkov** (Pravets, 7 de Setembro de 1911 — Sófia, 5 de Agosto de 1998) foi o líder comunista que governou a Bulgária de 4 de Março de 1954 até 10 de Novembro de 1989.

⁵⁴ **Oliver Reginald Tambo** (Mbizana, 27 de Outubro de 1917 — 24 de Abril de 1993) foi um político anti-apartheid sul-africano e uma figura central no Congresso Nacional Africano (ANC).

⁵⁵ Filipe Jacinto Nyusi (Namaú, 9 de Fevereiro de 1959), é um empresário e político moçambicano, actual presidente do seu país desde 2015. Entre 2008 e 2014 ocupou o cargo de Ministro da Defesa. Foi eleito quarto Presidente da República de Moçambique em 2014 e reeleito em 2019.